

PORTUGAL E OS ALABASTROS
MEDIEVAIS INGLESES

CONFERÊNCIA DE
Francis W. Cheetham
Director dos Museus de Norwich
PROFERIDA NO
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA
(16 JANEIRO 1981)

PORTUGAL E OS ALABASTROS MEDIEVAIS INGLESES

Considero bem apropriado o facto de vos vir hoje, aqui em Portugal, falar sobre os alabastros medievais ingleses, dado que é certo que muitas dessas peças foram exportadas de Inglaterra para Portugal durante a Idade Média, embora infelizmente as provas documentais dessa época sejam muito escassas. As estreitas relações entre a Inglaterra e Portugal datam como sabemos desde a Idade Média. De facto, a aliança entre os nossos países foi efectuada há quase 600 anos, mais precisamente em 1386. A mãe do Infante D. Henrique, o Navegador, era inglesa e o avô inglês daquele, John of Gaunt, foi sepultado num túmulo de alabastro na velha Catedral de São Paulo, em Londres. No entanto, antes de me debruçar sobre as relações comerciais entre os nossos países, gostaria de vos descrever os alabastros propriamente ditos.

Como o próprio nome indica, o material utilizado é o alabastro, cuja extracção era feita nos Midlands ingleses, especificamente na zona sul de Derbyshire e na área vizinha de Staffordshire. É possível que a extracção deste material tenha sido igualmente feita noutras zonas de Inglaterra, por exemplo perto de York, mas com base em documentos contemporâneos existentes sabe-se com toda a certeza que existiam jazidas de alabastro perto de Tutbury em Staffordshire e em Chellaston, que se encontra a cerca de 7 quilómetros de Derby e 26 quilómetros de Nottingham. As jazidas em Tutbury eram provavelmente as mais antigas, dado que a primeira utilização conhecida do alabastro em Inglaterra foi num dos painéis decorativos interiores da porta românica ocidental da igreja paroquial de Tutbury, datada de cerca de 1160. Logo após a sua extracção, o alabastro é macio e facilmente trabalhável, mas endurece um pouco quando exposto ao ar, podendo então ser polido como o mármore. Devido ao facto de ser um material macio e vulnerável à água, o alabastro apenas pode ser utilizado em interiores, sendo danificado se for exposto às condições atmosféricas.

Para além do seu emprego inicial na decoração arquitectural de interiores, o alabastro foi utilizado a partir dos princípios do século XIV na execução de jacentes para túmulos. O primeiro jacente de alabastro conhecido encontra-se na Igreja de Hanbury, situada perto das jazidas de Tutbury. Diz-se ser o de Sir John de Hanbury, que morreu em 1303. O alabastro tornou-se um dos materiais mais apreciados na execução de túmulos, não só para o jacente mas também para toda a arca do túmulo propriamente dita, tendo sido extensamente utilizado nos séculos XIV e XV. As faces dos túmulos eram geralmente decoradas com placas representando anjos, carpideiras, santos, escudos heráldicos ou cenas tais como a da Anunciação.

A escultura de placas individuais avulsas e de imagens planificadas surgiu quando a indústria de túmulos estava já estabelecida, tendo-se desenvolvido ao que parece como uma ramificação desta. Começou por produzir-se, na segunda metade do século XIV, pequenas placas horizontais (de aproximadamente 44 cms. por 67 cms.) que se pensa terem sido utilizadas isoladamente. Encontramos algumas destas primeiras placas horizontais não só em Inglaterra (por exemplo, na Igreja de Long Melford, em Suffolk) mas também no Norte da Alemanha (por exemplo, em Paderborn). Mas já nos finais do século XIV, as placas (agora na sua maioria verticais e de aproximadamente 40 cms. por 25 cms.) e as imagens eram produzidas como um conjunto destinado a ser fixado a uma armação em madeira, pintada, de modo a constituir um retábulo de altar.

Em meados do século XV, os retábulos de altar eram geralmente compostos de 5 ou 7 placas, sendo a placa central mais alta que as restantes; de modo geral, era colocada uma imagem de um santo em ambas as extremidades. As placas e imagens bem como os baldaquinos em alabastro que eram colocados por cima daquelas eram todos fixados à armação em madeira por meio de arames presos à parte posterior das diversas peças por cavilhas de chumbo. Em Inglaterra, o retábulo de altar de Swansea,

que se encontra no Museu Victoria & Albert, constitui o exemplar mais completo destes retábulos, tendo na realidade sido trazido de Munique novamente para Inglaterra na década de 1830. Na Península Ibérica, os mais completos exemplares encontram-se no Noroeste de Espanha, na Catedral de Santiago de Compostela e em Avilés, perto de Oviedo. Tanto quanto consegui apurar, o retábulo de altar mais completo em Portugal consiste de 4 placas (com 3 baldaquinos em alabastro), que outrora formaram parte de um retábulo da Paixão de Cristo e que se encontram no Museu Arqueológico, no Largo do Carmo, em Lisboa.

As placas eram agrupadas em conjuntos temáticos, sendo a Vida da Virgem e a Paixão de Cristo os 2 temas predominantes. Um conjunto ilustrando a Vida da Virgem era geralmente composto por 5 placas: a Anunciação, a Adoração dos Magos, a Ascensão de Cristo e a Assunção da Virgem, dispostos de um e outro lado de uma placa central mais alta representando a Santíssima Trindade. O tema da Paixão de Cristo era geralmente representado em 5 placas: a Traição de Judas, a Flagelação, a Deposição no Túmulo e a Ressurreição, colocadas de um e outro lado de uma placa central da Crucificação. Retábulos posteriores datados de cerca dos finais do século XV até meados do século XVI constituíam por vezes construções elaboradas compostas por dois andares de placas e imagens. Encontra-se um magnífico exemplar de um retábulo de dois andares em óptimo estado de conservação no "Hotel de Ville" de Compiègne, no Norte de França.

Embora a maior parte das placas e imagens em alabastro se destinassem a constituir retábulos de altar, é certo também que algumas se destinavam a ser utilizadas isoladamente. Existe, por exemplo, no Museu Victoria & Albert, uma placa avulsa da Anunciação, que se encontra ainda na sua maquinetta medieval, em madeira pintada, e que sem dúvida constituiu outrora um oratório individual numa igreja ou numa mensão. A julgar pelos testamentos dessa época, era comum encontrar-se nas

casas particulares um determinado modelo de alabastro. Refiro-me às pequenas placas representando a Cabeça de São João Baptista, muitas das quais sabemos através de documentos contemporâneos terem sido executadas em Nottingham. Embora a zona de Nottingham seja aquela a que maior alusão é feita nos documentos contemporâneos ao referirem o trabalho em alabastro, é provável que este fosse igualmente trabalhado noutros centros medievais, tais como Londres, York, Lincoln e Burton on Trent, de modo que é errado falar-se de todos os alabastros medievais ingleses como sendo originários de Nottingham. Infelizmente, não foi ainda possível distinguir os alabastros de Nottingham daqueles que foram produzidos noutras zonas, quer no que respeita a material, estilo ou pintura.

Um importante processo na produção do alabastro acabado consistia na produção da superfície polida. A policromia da escultura era sem dúvida corrente na Idade Média e a pintura de túmulos, placas e imagens em alabastro não constituiu excepção. Geralmente, porém, as peças não eram pintadas em toda a sua superfície, deixando-se que em certas partes o próprio alabastro, com o seu belo aspecto translúcido e polido, contrastasse com a cor da tinta aplicada. Entre as cores utilizadas, as mais correntes eram o verde, vermelho e dourado, embora se empregasse outras, tais como o preto, branco, castanho e azul. O dourado era frequentemente utilizado na pintura da parte superior da superfície de fundo das placas, enquanto que na parte inferior era pintado um chão verde salpicado de pequenas flores brancas e vermelhas. Eram igualmente pintadas inscrições sobre fitas muitas vezes sustentadas por imagens, sendo sem dúvida a inscrição 'Ave Maria Gratia Plena' a mais comum, nas fitas das placas da Anunciação. Podemos efectivamente comparar um retábulo medieval pintado - com a sua série de placas temáticas e as suas imagens segurando fitas com uma inscrição - com a actual banda desenhada, em que é contada uma história numa série de desenhos, nos quais os personagens exprimem os seus pensamentos por meio de "balões" com legendas.

Com base em documentos do Município de Nottingham, datados daquela época, somos levados a admitir que a produção dos alabastros funcionava por vezes como um negócio familiar e podemos supor que o número dos artesãos que trabalhavam conjuntamente numa oficina não excedia os 4 ou 5. Não restam dúvidas quanto ao facto de que eram utilizados modelos estandardizados e é provável que estes fossem desenhados em pergaminho ou talvez, por volta dos finais do século XV, os alabastros fossem executados com base em gravuras em madeira produzidas no Norte da Europa. Em certos casos, as placas são cópias fieis de outras placas, o que prova a utilização de padrões básicos ou de livros de modelos. Os modelos e a simbologia eram sem dúvida comuns a toda a Europa católica — especialmente nos países do Norte da Europa. Os alabastros são todos anónimos. Nenhum deles está assinado, da mesma forma que nenhum deles pode ser atribuído a um determinado artista ou artesão, mas embora se recorresse a modelos estandardizados não existem duas placas ou imagens que sejam totalmente idênticas.

Através dos poucos documentos que subsistiram e em face da existência noutros países de muitos alabastros ingleses, e mesmo de retábulos de altar completos, sabemos que havia um comércio intenso de exportação destes alabastros desde a década de 1380 até à de 1550. Numa fase posterior da Idade Média toda a Europa Ocidental prestava obediência à Igreja Católica e esta unidade de crença abriu as portas a um vasto mercado potencial. A existência, nos nossos dias, de alabastros na Islândia, Noruega, Dinamarca, Polónia, Alemanha, França, Espanha, Itália, na costa Dálmata da Jugoslávia e, claro está, em Portugal, é uma prova evidente das relações marítimas da Inglaterra medieval. Muitos dos alabastros ingleses encontram-se ainda em cidades junto ao mar ou de fácil acesso por rio, partindo da costa.

Em Portugal existe um número considerável de alabastros medievais ingleses, muitos dos quais poderão ser vistos na exposição que brevemente terá lugar no Mosteiro da Batalha. Foram sem dúvida exportados para Portugal durante a Idade Média, embora seja igualmente provável que alguns tenham sido exportados após o início da Reforma em Inglaterra. A existência destes alabastros em Portugal é hoje uma prova viva das estreitas relações comerciais mantidas durante a Idade Média entre as nossas duas grandes nações marítimas. Contudo, tanto quanto me é dado a conhecer, parece não existirem referências documentais a esse comércio de alabastros com Portugal, facto que certamente merece uma maior investigação neste país, dado que é difícil acreditar que nenhum dos documentos em questão tenha sobrevivido. Existem, contudo, duas referências documentais relativas à Península Ibérica. Num processo judicial de 1390, declara-se que um barco de nome Saint George, navegou de Dartmouth, em Inglaterra, para Sevilha, transportando diversas mercadorias, incluindo imagens de alabastro. Um documento datado de 1456 descreve como um padre inglês ofereceu à Catedral de Santiago de Compostela um retábulo de altar completo em alabastro, proveniente de Inglaterra, ilustrando a vida de São Tiago. Este retábulo ainda hoje se encontra naquela Catedral, e presume-se que tenha sido especialmente encomendado, visto tratar-se do único retábulo conhecido em que figuram cenas da vida de São Tiago.

Contudo, esta fluorescente indústria do alabastro terminou abruptamente com o início da Reforma. Henrique VIII rompeu os laços que o ligavam ao Papa e durante o reinado do seu jovem filho Eduardo VI um governo fortemente Protestante subiu ao poder. Enérgicas medidas foram então tomadas com vista a aniquilar a velha religião e banir completamente de Inglaterra as representações de Cristo, de sua Mãe e dos Santos. Em Janeiro de 1550, o Governo decretou a destruição de "imagens" - as imagens de alabastro foram especificamente mencionadas. À parte da produção continuada de jacentes para túmulos, que não foi afectada visto aqueles não serem considerados "imagens", o comércio do alabastro terminou. Muitas peças foram cruelmente

destruídas, embora outras fossem cuidadosamente escondidas, as quais ainda hoje estão sendo descobertas em locais tais como debaixo do pavimento de igrejas ou no interior de paredes de igrejas e casas. Outras foram apressadamente exportadas para o continente Católico, em particular para a Normandia que era de fácil acesso. É possível que alguns dos alabastros ingleses que hoje se encontram em Portugal tenham sido para aqui exportados apenas durante esse período da Reforma e não anteriormente.

É inegável que os alabastros medievais ingleses não têm recebido da parte dos estudiosos a atenção que merecem. Em particular, os alabastros medievais ingleses em Portugal têm sido especialmente negligenciados. A exposição no Mosteiro da Batalha é portanto uma iniciativa louvável, que se espera venha a encorajar a descoberta de novos alabastros e bem assim trazer à luz referências documentais daquela época sobre as importações de alabastros ingleses para Portugal e respectiva colocação em igrejas e palácios.

Francis Cheetham